

Encíclica *Laudato Si* e os desafios para nossa missão Comboniana hoje junto aos mais pobres

"*Nós somos parte da terra, a terra é parte de nós; um é a extensão do outro, nós não vivemos a sós*"¹. Nós dependemos uns dos outros. Esta convicção permeia toda a Encíclica *Laudato Si'*: "*Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros*"². Nós, humanos, somos os que mais dependemos de todos os outros seres. Logo, é estupidez o antropocentrismo que exalta individualmente o ser humano, abrindo espaço para o sistema pisar, violentar e assassinar tantos seres vivos.

A *Laudato Si* apresenta uma evolução no olhar da teologia ao colocar a pessoa humana como parte da natureza, não como algo separado dela. Francisco avança de forma ecumênica em todas as religiões declarando, de saída, que a encíclica não é feita apenas para os católicos, mas para toda a humanidade, de todas as religiões, crentes e não-crentes.

Preservar, respeitar, cuidar, ter consciência em relação ao "cuidado da Casa comum" constituem um grande desafio para nossa missão comboniana hoje, diante da crise ambiental em que vivemos. Tendo diante dos olhos o que está acontecendo em nossa Casa comum: poluições, mudanças climáticas, cultura do descarte e do desperdício, escassez dos recursos hídricos, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida humana, desigualdade planetária, etc, cresce o nosso compromisso e a missão de sermos defensoras da vida e da criação.

Assim como São Daniel Comboni percebeu que a grande missão de sua época era ser defensor dos mais pobres e reconhecer a paternidade comum que permitem a todos, humanos e todas as formas de vida, serem chamados de irmãos e irmãs, pois temos o mesmo Pai Criador: "*O católico, habituado a julgar as coisas com a luz que lhe vem do alto, olhou a África não através do miserável prisma dos interesses humanos, mas do puro raio da sua fé; e descobriu lá uma infinidade de irmãos pertencentes à mesma família, que têm nos Céus um pai comum*"³, nós também hoje, somos chamadas a proteger e cuidar de toda forma de vida existente no planeta onde habitamos, optando preferencialmente pelas existências mais vulneráveis e ameaçadas, procurando pessoal e socialmente mudar estilo de vida, diminuir o ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente, optando, segundo o Papa Francisco, por caminhos mais sustentáveis que permitem viver com simplicidade para saborear as coisas pequenas da vida.

A dimensão humana e ambiental deve fazer parte de nossa missão comboniana, pois ambas realidades estão profundamente unidas naquilo que a Encíclica chama de Ecologia integral. Como missionárias combonianas devemos saber cuidar do humano e do meio ambiente, pois todas as criaturas estão interligadas e precisamos uns dos outros para viver e exercer com responsabilidade aquilo que o Pai Criador colocou em nossas mãos, não para

¹ Grupo embaúba. Música *Cuidar da terra*.

² Papa Francisco. *Carta Encíclica: Laudato Si*, n.48.

³ COMBONI, Daniel. *Escritos* n. 2742. Além-Mar. Lisboa: 2003, pg 841.

excluir e extinguir, mas para cuidar, respeitar e reconhecer o valor de cada ser existente, independente de sua utilidade. Como aparece em *Laudato Si*: “viver a vocação de guardiões da obra de Deus, não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa”⁴.

Hoje, no mundo globalizado, o território missionário é mais amplo e nossa responsabilidade é maior do que há um século atrás. O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto. Cuidar do bem viver de todos e da casa para todos, de hoje e amanhã. Eis a raiz profunda dos impulsos missionários da encíclica⁵. A reflexão ecológica aprofunda as questões sociais e a opção pelos pobres. “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS 139).

Segundo *Laudato Si* não é possível falar em proteção ambiental sem que esta envolva também a proteção ao ser humano, em especial os mais pobres e vulneráveis. Não podemos mais enfrentar um desafio ecológico isolando-o do contexto social, cultural e até religioso em que se encontra inserido. Está em questão uma visão diferente do mundo e da pessoa humana, que requer conversão, isto é, novas atitudes e novos objetivos nos olhos e na prática de cada pessoa, igreja e sociedade. Em nossa prática missionária precisamos constantemente declinar as questões do meio-ambiente com a defesa da vida dos mais excluídos: não faz sentido separar as duas conseqüências do mesmo modelo de desenvolvimento estragado. Ainda mais: é nosso papel promover ações de resgate do meio-ambiente que nasçam exatamente das camadas mais esquecidas e isoladas da sociedade, a nossa experiência latino-americana de luta, nos mostra que o processo de libertação acontece de baixo para cima.

Como Jesus Cristo que vivia em plena harmonia com a criação, nós hoje somos chamadas a viver a nossa vocação missionária comboniana numa Igreja em saída, preocupada com a justiça social e ambiental, lutando para superar tudo aquilo que compromete a dignidade do ser humano e toda a criação, preservando o meio ambiente que é um bem coletivo e patrimônio de toda a humanidade, buscando permanentemente a conversão ecológica, e procurando fazer no dia a dia de nossa casa, família e comunidade, gestos que nos humanizam e que ajudam a cuidar do planeta Terra, nossa casa comum. Dentre estes gestos e ações diárias que reeducam os nossos hábitos e comportamentos, o Papa Francisco nos indica algumas coisas práticas como: evitar o uso de plástico e o consumo exagerado de papel, reduzir o consumo de água, reciclar o lixo, cuidar dos pobres e dos outros seres vivos, fazer uso dos transportes públicos, ou compartilhar o mesmo veículo com outras pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias, evitar o desperdício, pois sabemos que estas pequenas coisas que estão ao alcance de nossas mãos, são importantes para a sustentabilidade do planeta, deixando para as gerações futuras uma casa comum com mais dignidade social e ambiental. As mudanças de atitudes pessoais são

⁴ Papa FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, n.217.

⁵ Paulo SUESS, *Impulsos missionários da encíclica Laudato si*, Conferência na 33ª Assembléia do Conselho Missionário Nacional (Comina).

necessárias mas não são suficientes, para enfrentar a situação tão complexa são necessárias ações coletivas de cuidado com nossa casa comum. Como diz o Papa na LS n.219 "aos problemas sociais responde-se, não com mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias".

Sabemos não ser possível dissociar o ser humano do meio ambiente. Muitas instituições e governos quando falam sobre sustentabilidade, dela o ser humano parece não fazer parte, sobretudo aquele mais vulnerável e, portanto, mais exposto aos impactos do desequilíbrio ambiental. A pobreza e a degradação ambiental são dois lados da mesma moeda. Por exemplo, as famílias pobres, na maioria das vezes são privadas de locais adequados para colocarem os seus dejetos e também do serviço de coleta sistemática do lixo, então elas dão qualquer destino para esses resíduos, e os colocam nos córregos, nas ruas, sobre a vegetação, ou em outros lugares não apropriados. Tornando estas pessoas mais pobres, mais vulneráveis às doenças que lhes reduz a disposição ao trabalho, num verdadeiro ciclo vicioso. Ciclo que se torna difícil de ser rompido na medida em que aumentar o contingente de famílias que estejam obrigadas a viver em semelhantes situações.

No Brasil, por exemplo, para suprir o déficit de saneamento básico no País, seriam necessários investimentos da ordem de R\$ 12 bilhões por ano, durante 20 anos consecutivos. Os cálculos foram feitos pelo professor Wanderley da Silva Paganini, do Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, baseados nos dados preliminares do Censo 2011.

A Campanha da Fraternidade 2016, lançada pela Igreja Católica trouxe à luz alguns dados sobre a questão do saneamento básico no País, sobretudo no que diz respeito ao acesso à rede de coleta de esgoto e abastecimento de água. Alguns dados podem nos dar a dimensão do problema: há locais no Brasil onde não há sequer coleta. Em Manaus (Capital do Estado do Amazonas), por exemplo, apenas 11% do esgoto é coletado, o que significa que quase todo o esgoto produzido permanece no meio onde as pessoas vivem. Em algumas regiões do país, as condições sanitárias são geradoras de mortalidade infantil, doenças etc. Em dezembro de 2008, foi lançado o "Pacto pelo Saneamento Básico: mais saúde, qualidade de vida e cidadania". Infelizmente em muitas cidades este documento não saiu do papel.

Alguns dados mundiais sobre o saneamento nos ajudam a situar o problema num contexto global: um bilhão de pessoas no mundo, fazem suas necessidades a céu aberto; mais de 4.000 crianças morrem por ano por falta de acesso a água potável e ao saneamento básico; na África mais de um milhão e meio de crianças com menos de cinco anos morrem anualmente e 4.200 diariamente devido à falta de água potável; na América Latina, as pessoas têm mais acessos aos celulares que aos banheiros; 120 milhões de latino-americanos não têm acesso aos banheiros; mais de um bilhão de pessoas no mundo não têm acesso à água potável, enquanto 2,6 bilhões são desprovidas de qualquer tipo de saneamento básico.

As pessoas pobres são mais vulneráveis às mudanças que ocorrem nos ecossistemas, devido a que vivem em zonas marginais e de alto risco, encontram-se ameaçados

constantemente por inundações, secas e deslizamentos de terras, com pouca ou nenhuma infra-estrutura física para a provisão de água potável, saneamento básico e oferta de alimentos. Portanto, a pobreza vinculada à deficiência dos serviços dos ecossistemas, como os oferecidos pelo recurso água, pode apresentar maior peso sobre as mulheres. Além do mais, a pobreza ligada aos ecossistemas pode contribuir à privação de ser adequadamente educado, já que as crianças são retiradas das escolas pela obrigação na procura da água. Papa Francisco essa desigualdade planetária: *“tanto a experiência comum da vida cotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres”*⁶.

Estes são apenas alguns dos problemas ligados à questão ambiental, pensemos também aos atingidos por grandes projetos de mineração, de barragens e de hidroelétricas, pensemos na questão da privatização das águas e a restrição do seu acesso aos empobrecidos. A perda de florestas e bosques e de conseqüência de milhares de espécies vegetais e animais. *Quem transformou o maravilhoso mundo marinho em cemitérios subaquáticos despojados de vida e de cor?*⁷, interpela-nos o papa Francisco.

E' imprescindível ouvirmos os clamores de todos os injustiçados, entre os quais a Terra, as nascentes de águas e toda a biodiversidade, como nos diz o Papa: “Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade (..) Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior”⁸.

Além de resgatar os ensinamentos e o testemunho libertador de Francisco de Assis, é indispensável cultivarmos a memória dos/as mártires e lutadores por justiça socioambiental, como Chico Mendes; Zé Maria Tomé da Chapada do Apodi, mártir da luta contra os agrotóxicos; Francisco Anselmo, mártir da luta contra a instalação de Usinas de álcool e açúcar no Pantanal; José Cláudio Ribeiro e Maria do Espírito Santo, casal de militantes socioambientalistas do Pará, mortos por madeireiros; Augusto Ruschi e muitos outros/as, Dom Ervin, Bispo do Xingù e tantos outros.

Concluo com as palavras finais da Carta da Terra citada pelo papa: “Que o nosso seja um tempo que se recorde pelo despertar duma nova reverência face à vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida». Somos convidadas pelo papa Francisco a continuar nossa missão de mulheres combonianas, defensoras da vida e da nossa Casa comum como lugar bom onde todos têm seu espaço de vida e de convivência harmoniosa e fraterna.

As nossas forças missionárias são reduzidas; não conseguimos, sozinhas, o peso político suficiente para exercer pressão e determinar transformações diretas da realidade. Também não faz sentido, para nós missionárias, construirmos e mantermos obras consistentes através das quais demonstrarmos que 'outro mundo é possível'. Qual é, então, o nosso papel? Uma presença profética, isto é capaz de enxergar profundamente dentro da

⁶ *Laudato Si*, n.48

⁷ *Id.*, n. 41.

⁸ *Id.* n.10.

realidade e apontar, junto ao povo, os caminhos a seguir. Uma comunidade missionária consciente e bem inserida na realidade pode-se tornar catalisadora para transformações cujo autor seja o próprio povo local.

O desafio ecológico solicita a presença de comunidades paradigmáticas, localizadas em contextos gritantes, que se façam voz da terra e das pessoas: centros de estudo, denúncia, busca de alternativas e articulação de direitos. Esse tipo de comunidades evita trabalhos isolados e auto-referenciais, não tem a ilusão de resolver tudo, mas a obstinação de insistir sobre o método, agregar forças e educar o povo à ação complexa e multidimensional.

Denunciam e anunciam, espalhando a voz por todos os cantos e aproveitando com sabedoria dos meios tecnológicos e da mídia. Tornam assim visíveis para muitos um pequeno canto de realidade, oferecem a experiência local como possível modelo de ação também para outros contextos e dispõe-se a realizar alianças com todos os parceiros que queiram enfrentar os mesmos desafios. *"Preservar é tão simples, não requer tanta ciência basta respeito e cuidado, e um pouco de consciência"*⁹.

Ir Elisabeth Côrte Imperial
Missionária Comboniana - Brasil

⁹ Grupo Embauba. Musica "Cuidar da terra".